



VERDADE E IDEOLOGIA

Sergio Buarque de Holanda

NENHUM escrito do sr. Caio Prado Junior pode deixar longamente indiferentes aqueles que, entre nós, se interessam nas coisas da inteligência. A acurada meditação, a paciência quase beneditina no trato de cada assunto de cada minúcia, a obstinação e ainda mais o destemor diante dos mais duros obstáculos são virtudes que mesmos os adversários rancorosos de seus métodos não lhe negarão tranquilamente. E se em qualquer parte do mundo elas bastariam para recomendar qualquer pesquisador e pensador, no Brasil chegam a ser duplamente respeitáveis por serem, além de tudo, virtudes de exceção.

Isso explica em grande parte o caráter inovador e o sentido francamente pioneiro de alguns dos seus trabalhos, daqueles inclusive que, como a breve *Evolução Política do Brasil*, impressa em 1933, ou como, doze anos mais tarde, a *História Econômica do Brasil*, redigida para atender a instâncias de uma editorial mexicana, não parecem evitar sempre o esquematismo de quem busca discernir sobretudo o "sentido", a "linha mestra" de nossa evolução.

Que esse gosto dos esquemas não é básico entretanto no sr. Caio Prado Júnior mostra-o abundantemente sua *Formação do Brasil Contemporâneo*, onde se justificam novas formulações de problemas e perguntas que, situando-nos ao centro de suas preocupações, podem afetar a nossa visão do passado e a do presente. O que nos apresenta aqui o autor é a meada inteira, ao passo que em outras obras vamos encontrar apenas as pontas dos fios ou a superfície visível. De modo que, através da *Formação* pode-se dizer que aquelas obras vão adquirir pleno sentido.

Dêsse livro fundamental do sr. Caio Prado Júnior só se publicou até agora o 1.º volume, referente à nossa história colonial, ou antes, àquele momento de nossa história que representando por assim dizer o remate e resumo de três séculos de ocupação e povoamento da terra fornece uma chave preciosa para

se acompanhar "o processo histórico posterior e a resultante dêle que é o Brasil de hoje". E quando esperávamos com impaciência pela continuação dêsse trabalho que promete marcar época nos estudos de história e interpretação do Brasil, surge-nos êle com uma obra não menos ambiciosa e onde, ao longo de oitocentas páginas, ou quase, de composição cerrada — *Dialética de Conhecimento*, I e II tomos (Editora Brasiliense Limitada. São Paulo, 1952) — nos embrenhamos em um mundo bem distante na aparência daquele que até aqui o ocupara.

No entanto, seria uma consideração superficial a que se fixasse sobretudo nessa aparência. A filosofia que se desenvolve ao longo desses dois compactos volumes não revela tanto uma mudança de direção como — de certo modo — o fruto de um esforço de aprofundamento no mistério do historiador. Por êsse lado, é possível dizer que se enquadra perfeitamente no conjunto de sua obra e ainda denuncia, em plano bem diferente, é certo, daquele onde situa a *Formação*, o intento de dar-lhe um sentido.

É verdade que as obras do historiador Caio Prado Júnior podem ser lidas, e mesmo aprovadas em todos os seus pontos essenciais — creio eu — sem que se faça

necessária, de parte do leitor, uma adesão ao tipo de pensamento dialético fixado pelo marxismo e a cuja explanação e justificação é consagrado êste livro. Pois nada prova que a eficácia de um método de pensar deva sempre e obri-



gatoriamente depender, como tal, da excelência dos fundamentos filosóficos onde assente. E assim se para o autor pode existir uma harmonia inextricável entre sua *Dialética de Conhecimento* e as suas demais obras, é possível que o leitor
(Conclui na 6.ª página)

Continua no verso

e perenes da lógica formal e clássica e seus derivados modernos, acha-se assim condenado.

Para o marxismo parece fora de qualquer discussão que, numa sociedade constituída de classes, e classes antagônicas, como a nossa sociedade capitalista e burguesa, toda filosofia e, a rigor, toda ciência, não de ser de natureza polêmica. A exigência, por isso, de um pensamento isento, desenvolvido *sine ira et studio*, como o que defendem especialmente certos positivistas ou néo-positivistas é, no seu modo de entender, uma exigência utópica ou uma impostura que, de qualquer maneira, cumpre desmascarar. Todo pensamento é, no fundo, pensamento de classe e traz, mesmo sem o saber, o selo social.

Essa idéia, que em suas expressões mais recentes, desta raízes em Marx e, através de Marx, em Hegel, é menos estranha do que parece aos nossos hábitos mentais. A difusão fácil que alcançaram em nossos dias as chamadas "sociologias do conhecimento" e em particular a filosofia social de Mannheim (que, no entanto, atribui papel superior à camada mais capaz, a seu ver de isenção e neutralidade — a camada intelectual — justamente por ser *desclassificada*, menos sujeita do que outras a vínculos sociais de qualquer espécie), demonstra-o de modo exuberante.

E não irá exagero em dizer-se que as origens dessa idéia são bem mais remotas. Embora insinuando-se com vigor já no idealismo platônico, o princípio do pensamento "puro", livre de qualquer laço social e público, só pôde generalizar-se amplamente nos tempos atuais. Isso porque os antigos ignoravam a simples distinção e contradição entre a existência privada e a pública. Um comentador moderno de Hegel (Karl Lowith, em *Von Hegel zu Nietzsche*, Zurich, 1941, pg. 163) nota com finura que para a Antiguidade clássica, o verdadeiro homem "privado" é o escravo, que não toma parte na vida pública, por isso mesmo não chega a ser "homem" no mais amplo sentido da palavra. Na Idade Média, a esfera do privado confunde-se com a do público, do corporativo, ainda nos casos do indivíduo não liberto. Só com a Revolução Francesa é que a abstração da vida privada passa a conceber-se como liberdade negativa, liberdade da comunidade e do Estado.

ABERIA sem dúvida acrescentar que no mundo das idéias o correlativo desse processo começara a manifestar-se com as filosofias empiristas e racionalistas do seiscentismo e do setecentismo, e iria desembocar nas diferentes formas do positivismo. Não admira, assim, que os adeptos de Marx, reatando a representando a seu modo, por menor que o pareça, uma tradição de remotas raízes, façam da luta contra os positivistas um dos seus cavalos de batalha. E' esse, sem dúvida, o sentido da luta de Engels, o amigo e colaborador de Marx, contra Dühring e, mais tarde, a de Lenin, contra os discípulos russos e alemães do empirio-criticismo. E é a razão que agora leva, entre nós, o sr. Caio Prado Júnior a voltar-se contra as mesmas filosofias representadas, em sua forma extrema, nas idéias do "circuito de Viena" e do moderno fisicismo.

Mas o pensador brasileiro, que continua a ser acima de tudo um historiador, não se limita a combater as formas atuais. Vai remontar nos antecedentes desse tipo de pensamento. Assim é que, depois de examinar sumariamente o "problema atual do conhecimento", passa a criticar primeiro o empirismo — servindo-se não raro das armas dos racionalistas —, e depois o racionalismo, aproveitando-se, em parte, de argumentos dos

empiristas. Apenas a dicotomia das duas atitudes — empirista e racionalista — é provisória, e acabará resolvendo-se numa síntese superior, quando alcançar a dialética marxista através do historicismo e do hegelianismo. A esse tema, que constitui, a bem dizer, o núcleo da obra e ocupa ao menos todo o segundo volume de *Dialética do Conhecimento*, será dedicado o próximo comentário.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1265 (São Paulo).



Verdade e...

(Conclusão)

tor ou o crítico se vejam forçados a dissociá-las ao menos em sua estima.

Nada impede, sobretudo, que tendo encontrado naqueles outros livros, boas razões para admirar o autor, não deixem de ver no mais recente algum sério motivo de decepção. Isso sucederá certamente aos que, tendo vencido mal ou bem as páginas iniciais, renunciem logo à sua leitura completa e atenta. Para isso, forçoso é dizê-lo, seria preciso uma boa dose de paciência e pode-se bem acrescentar que de teimosia. O sr. Caio Prado Júnior não é — nunca o foi — desses autores que, escrevendo, buscam uma expressão própria, já não digo para cativar, mas para convencer os leitores. Satisfaz-se com sua convicção pessoal e não parece vivamente empenhado em vê-la partilhada. Mesmo a aparente concessão ao público insinuada no seu tom por vezes demasiado didático, pode trair antes a firmeza e clareza daquela convicção do que a vontade de clareá-la. Sua palavra é sobranceira e agreste, e quem se indigne facilmente com esses velhos espectros que os gramáticos qualificam de solecismos, fará bem em não abrir este livro. Pois a procição deles, compacta e inumerável, começará a perseguir o leitor purista desde a primeira página e mesmo desde a primeira sentença, e não o largará até às últimas linhas.

Outro obstáculo, e para muitos não o menor, à sua boa inteligência está na atitude insistentemente polêmica do autor. Essa atitude, principalmente — como no caso presente —, onde não hesita em simplificar até à caricatura as teorias adversas, para melhor contrariá-las, denota um fervor teórico incapaz de expandir-se num meio em que não encontre, de antemão, a mesma elevada temperatura. Em outras palavras, só aos que se achem firmemente convencidos, ele poderá ser realmente convincente.

TODAS estas reservas entendem-se, porém, com as possibilidades maiores ou menores de divulgação da obra. Seria ridículo, sem dúvida, querer julgar, onde há insuficiências e até erros de expressão (de gramática), que existam necessariamente "erros" de idéias. Por outro lado, nada faz crêr que o tom constantemente, polêmico do autor deva invalidar por si só e sem apêlo, a segurança dos instrumentos de análise de que ele se serve, assim como a "verdade" ou bondade das conclusões a que chega. E como partir da exigência de critérios neutros, cientificamente objetivos, onde o que exatamente está em causa é a pertinência, o valor, a própria possibilidade, desses critérios?

Do ponto de vista em que se situa o sr. Caio Prado Júnior, a atitude polêmica não representa qualquer coisa do exterior ao pensamento que dele se possa subtrair por mero capricho. É, isto sim, a única perfeitamente coerente com um modo de pensar que não conhece a existência de uma Verdade externa e eterna, suscetível de converter-se em norma de nosso pensamento; este, ao contrário, é determinado de certo modo pela situação histórica de onde emana. Todo raciocínio preso, por conseguinte, aos princípios rígidos



VERDADE E IDEOLOGIA - II

Sérgio Buarque de Holanda

TENTOU-SE mostrar em comentário anterior como na filosofia desenvolvida pelo sr. Caio Prado Júnior em sua recente *Dialética do Conhecimento*, a atitude polêmica é inevitável resultado de um critério que não nega apenas o valor, mas ainda a simples possibilidade de um conhecimento "objetivo" e neutro, por conseguinte de um pensamento perfeitamente apertado.

Sejam quais forem as objeções possíveis a uma tal atitude — e elas são, sem dúvida, numerosas — não se negará que ao assimila-la em todas as suas consequências, o autor revela uma audácia e uma coerência que tem faltado muitas vezes, no mesmo grau, a outros marxistas.

Quando, por exemplo, um Lukacs sustenta que, a "adesão ao partido é não só uma adesão política, mas filosófica, moral, destinada a guiar em todas as circunstâncias da vida, o pensamento e a ação", não encontramos meios plausíveis para conciliar esta com a sua outra presunção, de que a filosofia e a historiografia pertencem às ciências exatas. E quando um Antônio Gramsci, por sua vez, diz que "compreender e valorizar com realismo as razões do adversário significa escapar à prisão das ideologias — no sentido de cego fanatismo ideológico — isto é adotar um ponto de vista crítico, único verdadeiramente fecundo na pesquisa científica", parecerão de todo justificados os argumentos (entre outros os de Nicoláu Mateucci, ultimamente impressos pelo *Semenário Jurídico da Universidade de Bolonha*) dos que fazem pairar dúvidas sobre a ortodoxia marxista-leninista do pensador italiano.

Nessa sua nostalgia de um pensamento idealmente "puro" e independente, nem esses, nem outros inúmeros marxistas confessos parecerão inteiramente imunizados — para recorrer a uma das formas diletas do sr. Caio Prado Júnior — contra o nefando crime da "inversão idealista" e metafísica.

E a fidelidade perfeita do autor de *Dialética do Conhecimento* a uma ideologia já definida em todas as suas partes, que apenas cabe melhor interpretar e defender em face de cada novo inimigo, constitui, tanto quanto sua atitude constantemente polêmica, um dos traços que podem enganar quem procure julgar este livro segundo os críticos mais correntes. Com efeito, a exigência de uma absoluta originalidade criadora não parece menos avessa aos fundamentos do marxismo do que a busca de um pensamento objetivista e neutro. Vivendo na era do romantismo, Marx teve ao menos este traço anti-romântico: um desprezo consciente e declarado à pretensão de que um pensador digno

desse nome deva tirar de si mesmo, das próprias entranhas, sem referência àqueles que o antecedem e às circunstâncias exteriores, tudo quanto oferece ao público.

NÃO é por outro motivo que o sr. Caio Prado Júnior, apesar de seu desmesurado fervor teórico, — que em dado momento o leva a vêr na tarefa do materialismo histórico o "maior passo dado pela filosofia desde a obra de Platão e Aristóteles" —, desacredita com razão os que possam ver no marxismo um "produto do pensamento puro de Marx". Isso, acrescenta, "seria negar o próprio marxismo, contraditório em seu nascedouro".

O que não o impede, contudo, logo à página anterior, de exaltar com mais ardência ainda a inaudita façanha de Hegel: este sim, tirara tudo de si mesmo, revelara-se "a si próprio, pela observação de seu pensamento..." Marx não fizera muito mais, em suma, do que dar plenitude e coerência ao que Hegel deixara incompleto ou disvirtuado. Atribuir a seu pensamento o conteúdo concreto de que este inicialmente carecera, e aqui



adiantara-se a todos os demais hegelianos, ao próprio mestre deles. Nisto está toda a sua significação excepcional, e por isso um exame em profundidade das suas idéias nos levará fatalmente à valorização do hegelianismo bem entendido e sobretudo bem interpretado.

O sr. Caio Prado Júnior não tenta, pois, acentuar a originalidade de Marx em face de Hegel, ao contrário do que tendem a fazer outros marxistas e até mesmo, em nossos dias, alguns críticos e economistas burgueses como Schumpeter. No entanto, esse milagre da originalidade que seria impossível em Marx fôra possível em Hegel, e nisto nosso pensador funda toda sua admiração por aquele a quem chama o "Platão da nova Lógica".

Sua significativa supressa ante esse singular fenômeno transparece especialmente da nota que contém reproduzir na íntegra: "Nesse sentido", escreve, "Hegel foi certamente dotado de uma capacidade especial e verdadeiramente notável. Os processos de pensamento são, na sua maior parte subliminares, e a nossa conceituação básica e essencial provém de processos realizados nos primeiros estágios de nossa formação psicológica. Reviver tudo isso, como Hegel fez, sem a colaboração de ninguém, e considerando-se mesmo a inspiração que lhe foi trazida pelo largo trato que teve com os conhecimentos de sua época, é qualquer coisa de imenso e revela uma estrutura cerebral verdadeiramente excepcional".

E' fácil perceber contudo que neste passo fomos colher o autor em um momento de pura efusão que contrasta com o que escrevera em páginas anteriores. Nessas páginas, ou em muitas delas, longe de subestimar o que Hegel deveu ao "largo trato com o pensamento de sua época" e até de épocas anteriores, para favorecer o que "sem a colaboração de ninguém" tirara de um cérebro excepcional, ele não deixa de assinalar profusamente sua enorme dívida aos filósofos da era das luzes, a Kant e, ainda mais, ao historicismo alemão.

EM mais de um ponto procura mesmo demonstrar como foi a necessidade de se superarem os obstáculos aparentemente invencíveis da lógica metafísica em face do progresso das ciências, obstáculos evidenciados sobretudo na obra de Kant, o que apontou o caminho a ser seguido por Hegel. Mas este não teria encontrado por si só este caminho. Valera-lhe o socorro do

pensamento historicista, que justamente apresenta a "sucessão dos fatos explicando-se uns pelos outros, e não como ocorre com a generalidade dos historiadores franceses, ingleses do século XVIII, comandados por um plano racional ou natural exterior à história e ao seu desenvolvimento".

O milagre irá aparecer, assim, bem menos extraordinário. A genialidade de Hegel estivera apenas em ter sabido misturar bem as águas contrárias daquelas duas correntes de pensamento. A História pode fazer-se agora racional, sem deixar, por isso, de ter em si mesma sua lei expressa na Dialética. O próprio sr. Caio Prado Júnior observa como "o historiador que havia em Hegel unia-se ao filósofo discípulo de Kant".

Unia-se? Cabe perguntar se a união não seria apenas ilusória e se, embora fazendo Hegel largamente dependente do historicismo, o autor não tende a escamotear de modo bastante caprichoso o que havia nele de um pensador ainda preso por vínculos indissolúveis à tradição mais antiga fixada principalmente pela filosofia anti-histórica de Setecentos. Em outras palavras, se o historiador, nele, não se vira irremediavelmente sacrificado pelo filósofo, e filósofo racionalista.

Isto equivale a por em jogo precisamente a pretensão da Dialética de representar uma vitória definitiva sobre a lógica tradicional integrada agora, por seu intermédio, no processo histórico. O assunto merece ser mais atentamente abor-

(Cluclul na 6ª página)

★ VERDADE E... (Conclusão)

dado, o que se fará em outro comentário. E pouco importa, se em semelhante abordagem, o nome de Hegel venha a aparecer mais frequentemente do que o de Marx. O próprio autor deste livro não andará longe de julgar que Marx foi, de certo modo, mais hegeliano do que Hegel, ou que o foi com mais coerência e decisão. Assim como Lenin teria sido mais marxista do que Marx — que não era, ele próprio, "marxista", segundo chegou a confessar —, ou ao menos do Engels, o colaborador e o intérprete mais autorizado de Marx. E' o que se infere da longa passagem onde o sr. Caio Prado Júnior denuncia no autor da *Dialética da Natureza* uma vítima incauta da "inversão" idealista.

UM filósofo e lógico de nossos dias — Reichenbach — perguntava, não há muito, se Hegel teria podido adquirir sua imensa projeção no mundo moderno se não encontrasse apoio, fora da filosofia, no materialismo econômico de Marx. Tenho a convicção de que o sr. Caio Prado Júnior é capaz de inverter a questão assim proposta, para perguntar se Marx alcançaria a importância de que hoje desfruta, caso não tivesse assimilado e, a seu modo, melhorado a filosofia de Hegel.

Remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625, São Paulo.





VERDADE E IDEOLOGIA

(Conclusão)

Sergio Buarque de Holanda

DE que forma o pensamento histórico alemão, depois de elaborado por Hegel, pôde tornar-se utilizável para o marxismo e integrar-se finalmente, como peça fundamental, em seu método? É esta uma das questões apenas tocadas aqui em artigo anterior, e que, no entanto, nos guiam de certo modo até ao núcleo central das preocupações do sr. Caio Prado Júnior em sua *Dialética do Conhecimento*. A outra questão — sem dúvida mais importante, por isso mesmo que se acha à base e à origem da primeira — poderá ser assim formu-

lada: até onde o princípio hegeliano de unidade entre o racional e o real, que o marxismo herdou e, à sua maneira, interpretou, significa uma vitória efetiva sobre o historicismo e também sobre o racionalismo?

Do verdadeiro sentido do historicismo germânico, pôsto em confronto com as correntes de pensamento que o antecederam, tratou o sr. Caio Prado de modo satisfatório, embora naturalmente sumário, ao dizer que nele se apresenta "a sucessão dos fatos, explicadno-se uns pelos outros, brotando, saindo uns dos outros, e não, como ocorre com a generalidade dos historiadores franceses e ingleses do século XVIII, comandados por um plano racional exterior à história e ao seu desenvolvimento".

E se é verdade que alguns autores, como especialmente Ernst Cassirer, tentaram discernir a presença do historicismo nessa mesma era "das Luzes", que uma opinião até hoje difundida tende a considerar uma era radicalmente ahistórica, isso mostra tão somente que a tendência não se exprimiu através de um salto brusco e inesperado, mas ao contrário de um processo lento e, não obstante, revolucionário. Mesmo na obra já hoje clássica sobre o assunto — a de Me-



necke — o movimento historicista (enlaçado, na literatura, ao romantismo e na religião ao pietismo e ao metodismo wesleyano) é representado como um movimento que aos poucos se vai destacando da crença generalizada numa Ordem Natural (exterior à História e capaz de ordenar-lhe os passos), para atingir sua emancipação plena com alguns historiadores e pensadores alemães, a partir sobretudo de Herder.

É em Meinecke que o sr. Caio Prado Júnior vai colher, com toda justiça, os elementos principais da exposição do historicismo que traça no tomo segundo de sua obra. Contudo não deixa de sugerir, em nota à página 367, que apesar da clareza de sua síntese, aquele autor se deixa impressionar em demasia pela "valorização sentimental do 'homem' que associa ao historicismo o romantismo, e desdenha o papel daquele movimento 'na interpretação histórica, onde suas conseqüências são muito mais profundas, pois vão repercutir diretamente na filosofia'.

NÃO creio que sejam bem fundadas essas reservas, pois embora o propósito expresso de Meinecke seja a análise do historicismo antes em sua formação do que em seus resultados, o fato é que não deixa de considerar os problemas relacionados à interpretação histórica, mormente na parte final, dedicada à obra de Ranke.

Será fácil, entretanto, elucidar-se em que sentido o sr. Caio Prado Júnior usa aquelas palavras — "interpretação histórica" — quando se considere que, em favor da atenção maior dada a Herder ou a Goethe (e com este a Ranke), o historiador alemão deixa em parte, ou quase, a linha de pensamento que, partindo de Kant, vai desembocar principalmente em Hegel (e através de Hegel em Marx). Note-se que essa reserva coincide aproximadamente com a de Croce, no estudo que consagrou a Meinecke (em *La Storia come Pensiero e come Azione*, Bari, 1943, pp. 51 e ss.). Para o filósofo italiano, é Hegel sobre tudo, e em sua crença na racionalidade do real e na "realidade" do racional, que o historicismo se completa e verdadeiramente se justifica. Meinecke, por sua vez, não deixa de retrucar a essas objeções quando diz (em *Vom Geschichtlichen Sinn und vom der Geschichte*, Stuttgart, 1931, pg. 101) que, partindo, embora, do princípio histórico, Hegel o utilizara como simples instrumento para enaltecer sua Razão Univer-

sal, e não sem sacrificá-lo ou deturpá-lo.

Antes de tocar neste ponto caberia notar que, apesar da distância enorme que separa o pensamento de Croce do marxismo, um e outro, no caso em aprêgo, encontram-se do mesmo lado da barricada. E a coincidência de opiniões explica-se por isto, que ambos remontam, de fato, ao mesmo manancial hegeliano. Os historicistas, em contraste nítido com os "filósofos" do Setecentos, procuravam naturalmente salientar os aspectos irracionais da vida e tendiam, assim, a descuidar-se em proveito do individual, o típico e do genérico. Ora, é claro que sem o típico e o genérico jamais se poderá ultrapassar a esfera do particular e obter uma visão do mundo ampla e plausível.

SE a História não é racional, torna-se de todo impossível uma Filosofia da História. Nesse caso seria mais simples, sem dúvida, desistir da Filosofia da História, ao menos provisoriamente. Para muitos, entretanto, só aquela impossibilidade já era uma espécie de prova por absurdo, mas prova cabal e decisiva, de que a História é racional. E se ela se mostra intratável aos recursos tradicionais da Lógica, porque não ousar uma revisão desses mesmos recursos? A alegação de que a Lógica alcançara desde os tempos de Aristóteles uma perfeição total e insuperada, alegação que para muitos, para Kant, inclusive, era prova de sua grandeza, para outros, Hegel especialmente, era o sinal de que devemos tratar de superá-la. Na introdução à sua *Ciência da Lógica* (edição Lasson, Leipzig, 1948, pg. 33) ele o diz claramente, e acrescenta — argumento de historiador — que dois mil anos de progressos do espírito humano não de levar fatalmente a uma tal revisão.

Se Hegel foi realmente historiador, ninguém dirá sem petulância que foi um historiador arvorado em filósofo (e houve, contudo, quem o dissesse), ou não o dirá com a mesma tranquilidade com que o sr. Caio Prado Júnior diz, neste livro, que Ernst Mach foi um "físico metido a filósofo" (pg. 33), que Sartre é um desses "literatos... metidos a filósofos" (pg. 599) e, em palavras um pouco diferentes, que também Poincaré seria um matemático metido a filósofo (pgs. 260 e ss.). O autor do *Fenomenologia do Espírito* foi de fato o primeiro a abordar com energia toda uma série de problemas que não deixaram, depois dele, de ocupar intensamente os homens de pensamento. E muitas das questões que soube formular permanecem vivas, ainda quando as soluções que apresentou pareçam hoje inaceitáveis.

Algumas das suas críticas aos métodos da lógica formal e clássica, retoma-os longamente o sr. Caio Prado Júnior. O autor brasileiro não deixa de notar, por exemplo, segundo os passos do mestre, como ao dizer que a *flôr é vermelha* associamos indevidamente dois conceitos independentes — *flôr* e *vermelho* — que nos termos da mesma lógica só têm em si, no seu interior, sentido e identidade. Não lhe parece imaginável que, segundo os mesmos termos, a mesma coisa, na proposição em aprêgo, possa apresentar-se como pertencente a duas classes distintas, a das côres e a das coisas vermelhas. A insuficiência do sistema lógico herdado dos antigos vem para ele do fato de imobilizar o pensamento em categorias fixas, rigorosamente limitadas, tornando impossível relacionarem-se verdadeiramente os conceitos. O que ela nos dá, e não pode dar outra coisa, é uma grosseira mímica, se tanto, do processo ou operação de relacionamento.

É contra esse e outros subterfúgios que procura erguer-se a Dialética hegeliana. Em lugar de fornecer-nos um fraco substituto, pretende dar, nada menos — nas palavras de Caio Prado Júnior — do que o próprio movimento "espontâneo e natural do pensamento" (pg. 417), a forma do pensamento "que se faz método" (pg. 404), a forma do movimento tornada consciente (pg. 406), a "for-

(Conclui na 6.ª página)

★ VERDADE E...

(Conclusão)

ma do movimento do pensamento (que) se fez consciente e é método" (pg. 417), etc., etc..

Mas seriam justas tamanhas pretensões? Em realidade, buscando historizar o raciocínio, emancipá-lo da imobilidade a que se vira constringido durante dois milênios, Hegel registrou no seu célebre esquema — posição (*tese*), negação (*antítese*), negação da negação (*síntese*) — um processo de que a história humana pode oferecer-nos numerosas ilustrações. E não apenas a história humana. O exemplo clássico do grão de trigo (posição), que é enterrado (negação) e frutifica, multiplicando-se (negação da negação), ou ainda o do ovo de borboleta que resultou na lagarta e no casulo, e finalmente na nova borboleta, bem pode sugerir a presença de alguma lei geral. Lei que teria sua aplicação mais sensacional no marxismo, e que lhe serve para explicar o advento fatal do comunismo, negação dessa negação que é o capitalismo burguês.

Não tem faltado entretanto, e não faltou, mesmo entre os primeiros marxistas, Engels em particular, quem alimentasse algumas suspeitas sobre a universalidade de tal lei. O fato de já a primeira negação requerer condições propícias para ajustar-se ao esquema proposto (pois não "negamos" também o grão de trigo ao comê-lo ou ao pisá-lo?) milita fortemente contra a tentativa de erigir-se esse processo "dialético" em lei da lógica. A triade hegeliana representada, com efeito, uma apenas entre as muitas "formas de movimento" possíveis e imagináveis, talvez mesmo a mais perfeita, já que se acomoda melhor do que outras aos nossos hábitos mentais.

UMA análise recente pôde mostrar de modo engenhoso a unilateralidade do tipo de desenvolvimento proposto por Hegel. Segundo observou Hellpach, só é possível chegar-se da posição à negação nos casos particulares, e não os mais frequentes, onde aquela atinge uma expressão extremada, fazendo-se *hipertese*. Podem distinguir-se também, entre *antíteses*, as que assumem caráter radical (progressivo) e tradicional (regressivo). Além disso é preciso ainda contar com as várias *parateses*, que se separam da *tese*, mas não a negam de todo. A *síntese*, por fim, toma sempre elementos destacados, ora da *tese*, ora de um e outro tipo de *antítese* — o radical e o tradicional —, de modo que a viabilidade da síntese depende constantemente da energia da personalidade criadora, que colabora no processo. "O criador observa e que na hipótese é inútil."

continua no verso

(Conclusões)

zável, o que é oportuno, o que na antítese de tipo tradicional é supérfluo e o que é digno de preservar-se..."

Parece inevitável a conclusão de que a idéia da espontaneidade do movimento, que se teria feito consciente através da Dialética, evaporou-se rapidamente a uma análise cerrada. Não menos do que a lógica tradicional e clássica, ela nos fornece, assim, um substituto do processo natural. Ou melhor, o movimento que nos faz captar é comparável, de certo modo, ao de um veículo, que se move, sim, mas sobre trilhos de aço fixos e irremovíveis.

Uma crítica à dialética deveria completar-se com um estudo acurado de seu aproveitamento pelo marxismo. Antes de tudo seria cabível perguntar até onde se pode assimilar a "contradição" dialética do pensamento, em Hegel, aos "antagonismos" e "oposições" do mundo empírico em Marx. A pergunta já tem sido feita, a provavelmente respondida com maior ou menor felicidade. O certo é que essa e outras perguntas, essa e outras objeções, poderiam valer se fôsse indispensável buscar antes de tudo a coerência teórica de uma doutrina onde, no entanto, teoria e prática querem ser inseparáveis. Isso poderia levar a debates puramente bisantinos, quando se trata de um caso onde a "teoria" anda unida sem dúvida à "prática", mas como o cavalo anda unido ao cavaleiro que o cavalga e comanda. Evitar, no entanto, êsses debates, equivaleria a praticamente silenciar sobre o livro de quem, como o sr. Caio Prado Júnior, já se assegurou, através de suas outras obras, um lugar dos mais eminentes na cultura brasileira de nossos dias.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).

